



ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS

ENSAIOS APB

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO
DO PROFESSOR**

**Linete Bartalo
Odila Mary E. Pegoraro
Vera Lucia Bahl de Oliveira
Levino Bertan**

Ensaio APB, n.30

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO
DO PROFESSOR**

**Linete Bartalo
Odila Mary E. Pegoraro
Vera Lucia Bahl de Oliveira
Levino Bertan**

Ensaio APB, n.30

APB - ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE BIBLIOTECÁRIOS - APB

Coordenação editorial: Oswald Francisco de Almeida Junior

BELLO, José Marques de. Comunicação de Massas e Lettura. 1994. (Ensaio APB, 1)
MUSTATA, Solange Pontes. Banco de informações e mercado emergente. 1994. (Ensaio APB, 2)
TAVARES, Maria Cristina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infantil-Juvenil. 1994. (Ensaio APB, 3)
MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994. (Ensaio APB, 4)
OLIVEIRA, Sílvia Marques de. A Crise das fontes humanas em Bibliotecas. 1994. (Ensaio APB, 5)
BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994. (Ensaio APB, 6)
DIAS, Maria Cristina Sant'Ana et al. Alternativas para Contornar a Crise da Lettura: uma experiência de bibliotecas públicas no estado de São Paulo. 1994. (Ensaio APB, 7)
FERREIRA, Maria José et al. Projeto "Jovens". 1994. (Ensaio APB, 8)
LAFRANCO, Rita Lúcia et al. Terceridade: relato de uma experiência. 1993-1994. 1994. (Ensaio APB, 9)

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

KIVA, Kiyoko. Leitura e o desenvolvimento profissional. 1994. (Ensaio APB, 10)
ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994. (Ensaio APB, 11)

VALENTIM, Maria Lúcia. Leitura e o papel na formação e desenvolvimento. Jan. 1995. (Ensaio APB, 12)
ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994. (Ensaio APB, 11)
VALLE, Vânia. O espaço da Biblioteca. 1994. (Ensaio APB, 13)

Linete Bartalo
Odila Mary E. Pegoraro
Vera Lucia Bahl de Oliveira
Levino Bertan

CARLIN, Tânia Maria. A atuação da biblioteca pública em um município do interior. 1994. (Ensaio APB, 14)
LIMA, Jânira. A atuação da biblioteca pública em um município do interior. 1994. (Ensaio APB, 15)
MODESTO, Fernando. A atuação da biblioteca pública em um município do interior. 1994. (Ensaio APB, 16)
CÔRTE, Adilson. A atuação da biblioteca pública em um município do interior. 1994. (Ensaio APB, 17)
FELINO, Ana. A atuação da biblioteca pública em um município do interior. 1994. (Ensaio APB, 18)

FARIA, José Francisco. A atuação da biblioteca pública em um município do interior. 1994. (Ensaio APB, 19)
EMIT, João. A atuação da biblioteca pública em um município do interior. 1994. (Ensaio APB, 20)
SILVA, Antônio. A atuação da biblioteca pública em um município do interior. 1994. (Ensaio APB, 21)
RIBEIRO, Carlos. A atuação da biblioteca pública em um município do interior. 1994. (Ensaio APB, 22)

Ensaio APB, n. 30

LAFRANCO, Rita Lúcia et al. Terceridade: relato de uma experiência. 1993-1994. 1994. (Ensaio APB, 9)
LAFRANCO, Rita Lúcia et al. Terceridade: relato de uma experiência. 1993-1994. 1994. (Ensaio APB, 9)
LAFRANCO, Rita Lúcia et al. Terceridade: relato de uma experiência. 1993-1994. 1994. (Ensaio APB, 9)

São Paulo
Maio
1996

MODESTO, Fernando. A atuação da biblioteca pública em um município do interior. 1994. (Ensaio APB, 16)
BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio, 1996. (Ensaio APB, 30)

ENSAIOS APB

Coordenação editorial: Oswaldo Francisco de Almeida Junior

- MELO, José Marques de. Comunicação de Massa x Leitura. 1994. (Ensaio APB, 1)
- MOSTAFA, Solange Puntel. Balcão de Informações: o mercado emergente. 1994. (Ensaio APB, 2)
- TAVARES, Maria Christina de Moraes. Atuação da Biblioteca Infanto-Juvenil. 1994. (Ensaio APB, 3)
- MURGIA, Eduardo. A Crise da Informação. 1994. (Ensaio APB, 4)
- OLIVEIRA, Silas Marques de. A Crise dos recursos Humanos em Bibliotecas. 1994. (Ensaio APB, 5)
- BARROS, Maria Helena T. C. de. A Atuação da Biblioteca Escolar: relato de uma crise. 1994. (Ensaio APB, 6)
- DIAS, Maria Cristina Santarém et al. Alternativas para Contornar a Crise da Leitura: uma experiência do ônibus-biblioteca na cidade de São Paulo. 1994. (Ensaio APB, 7)
- FERREIRA, Marta Nosé et al. Projeto "Soma". 1994. (Ensaio APB, 8)
- LARROUPE, Rita Luisa et al. Terceira Idade: relato de uma experiência, 1991-1992. 1994. (Ensaio APB, 9)
- SILVA, Helen de Castro et al. Um espaço para a Fantasia. 1994. (Ensaio APB, 10)
- TOMAZELLI, Angela M. et al. Criança de Periferia não Lê: desmistificação. 1994. (Ensaio APB, 11)
- RIVA, Eliane Barbosa et al. Terceira Idade: programa integrado. 1994. (Ensaio APB, 12)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. O Espaço da Biblioteca: uma reflexão. 1994. (Ensaio APB, 13)
- VALENTIM, Marta Ligia Pomim. Leitura Técnica e seu Papel na Pesquisa & Desenvolvimento. Jan. 1995. (Ensaio APB, 14)
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Biblioteca pública: ambigüidade, conformismo e ação guerrilheira do bibliotecário. Fev. 1995. (Ensaio APB, 15)
- VALLS, Valéria. O espaço do bibliotecário no gerenciamento de documentos do Sistema da Qualidade. Mar. 1995. (Ensaio APB, 16)
- CARDIN, Tânia Maria Sanvezzo. Lixo reciclável x incentivo à leitura: uma relação que deu certo no município de Iporã - PR. Abr. 1995. (Ensaio APB, 17)
- LIMA, Justino Alves. Bibliotecas e bibliotecários: o perfil de um caso. Maio 1995. (Ensaio APB, 18)
- MODESTO, Fernando. Apontamentos sobre a ergonomia na implantação e uso do computador na biblioteca. Jun. 1995. (Ensaio APB, 19)
- CÔRTE, Adelaide Ramos e. Memória técnica. Jul. 1995. (Ensaio APB, 20)
- FUJINO, Asa. A gestão da informação no processo de cooperação universidade-empresa: uma visão crítica. Ago. 1995. (Ensaio APB, 21)
- FARIA, Ivete Pieruccini. Livro e leitura no Brasil: alguns aspectos acerca da entrada do impresso no país. Set. 1995. (Ensaio APB, 22)
- SMIT, Johanna. Algumas questões sobre os documentos audiovisuais em bibliotecas. Out. 1995. (Ensaio APB, 23)
- SILVA, Antonio Manoel dos Santos, ALMEIDA, Glaura Maria Oliveira Barbosa de, BELLUZZO, Regina Célia Baptista. O Plano de Gestão da Qualidade e sua implantação na rede de bibliotecas da UNESP: relato de uma experiência. Nov. 1995. (Ensaio APB, 24)
- VERGUEIRO, Waldomiro C. S. Gestão da Qualidade e Bibliotecas Públicas: o difícil caminho para as instituições brasileiras. Dez. 1995. (Ensaio APB, 25)
- LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte I. Degradação dos materiais. Jan. 1996. (Ensaio APB, 26)
- LANE, Sandra S., VAL, Marta R. S. Ribeiro do. Preservação de acervos de bibliotecas: Parte II. Um modelo de programa local. Fev. 1996. (Ensaio APB, 27)
- SOUZA, Marta Alves de. Internet: a rede global. Mar. 1996. (Ensaio APB, 28)
- MODESTO, Fernando. Combate ao vírus de computador na biblioteca. Abr. 1996. (Ensaio APB, 29)
- BARTALO, Linete et al. A importância da leitura na formação do professor. Maio. 1996. (Ensaio APB, 30)

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR*

Linete Bartalo¹
Odila Mary E. Pegoraro²
Vera Lúcia Bahl de Oliveira³
Levino Bertan⁴

INTRODUÇÃO

O livro pode ser considerado como precioso recurso de ensino. No entanto, não é tão popular como o giz, o quadro-negro, o lápis e o caderno. É grande o número de livros editados, com inúmeros títulos diferentes que poderiam, se bem utilizados, concorrer para a melhoria da qualidade do ensino.

Para alguns estudiosos, entre eles Molina (1987) e Aguiar (1991), o livro didático pode ser caracterizado como um agente cultural que está ligado ao currículo da escola e que seleciona conteúdos considerados relevantes.

Existe no Brasil um volume significativo de produção editorial. No entanto, apenas pequena parcela da população tem acesso aos livros produzidos, levando-se em conta a idade da população e os hábitos de leitura, bem como o baixo poder aquisitivo da população.

O professor tem a liberdade de escolher as obras didáticas para os seus alunos em função do conhecimento que tem dos livros, da escola e dos alunos. Pode ainda usar de

* Trabalho apresentado à disciplina "Pensamento Pedagógico Brasileiro" do curso de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL).

¹ Professora do Departamento de Biblioteconomia da UEL.

² Professora do Departamento de Biologia Geral da UEL.

³ Professora do Departamento de Biologia Geral da UEL.

⁴ Professor responsável pela disciplina Pensamento Pedagógico Brasileiro do curso de Mestrado em Educação da UEL.

materiais impressos para o ensino de sua disciplina: dicionários, revistas, jornais, etc... e, até mesmo, elaborar seus próprios textos, incentivando assim as muitas formas de ler.

O livro constitui o mediador na comunicação escrita entre o professor e o aluno. Através dele, se valoriza um ensino informativo e teórico. Por esse motivo, se torna necessário a formação de leitores que possam trabalhar esse material.

Ler significa não só ver as letras do alfabeto e juntá-las em palavras, mas também, estudar a escrita, decifrar e interpretar o sentido, reconhecer e perceber.

Segundo Silva (1993), à medida que um bom leitor descobre o significado literal de uma passagem, ele se envolve em vários passos, isto é, faz referência, vê implicações, julga a validade, qualidade, eficiência ou adequação das idéias, compara os pontos de vista de autores diferentes, aplica as idéias adquiridas às novas situações, soluciona problemas e integra as idéias lidas com as experiências prévias.

A leitura é importante em todos os níveis educacionais. Portanto, deve ser iniciada no período de alfabetização e continuar nos diferentes graus de ensino. Ela constitui-se numa forma de interação entre as pessoas de qualquer área do conhecimento.

Para Silva (1993), a leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento. Está intimamente ligada com o sucesso do ser que aprende. Permite ao homem situar-se com os outros. Possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências. É também um recurso para combater a massificação executada principalmente pela televisão. Para ele, o livro é ainda importante veículo para a criação, transmissão e transformação da cultura.

Através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas necessidades, auto educar-se promovendo a sua transformação e a transformação do mundo. Pode praticar o exercício dialético da libertação.

Em contrapartida, em relação à realidade brasileira, são poucas as pesquisas sobre leitura, predomina a ausência de bibliotecas escolares devidamente equipadas, e o que é pior, a falta de hábito de leitura pelos profissionais.

Silva (1993) e Freire (1985), entre outros pesquisadores, acreditam que a democratização do acesso à leitura é dificultada pela manutenção da ideologia dominante, impedindo a população de perceber, e conseqüentemente de contestar as estruturas sociais vigentes e o regime de privilégios.

O aumento de leitores significa acesso às informações mais objetivas, não atingidas pela censura. Esses leitores passariam a ser críticos da realidade, além de tentar transformar essa realidade a partir do que foi conhecido e construído durante as leituras.

Ainda para alguns pesquisadores, o problema da falta de hábito de ler, já começa nas primeiras séries do 1º grau, em razão dos textos utilizados serem muitas vezes ultrapassados e alienados dos problemas da realidade, não constituindo nenhuma motivação para o aluno. O mercado está cheio de livros didáticos sem sustentação filosófica e teórica e, muitas vezes, ainda conta com a incompetência profissional do educador para orientar corretamente esta prática.

As leituras oferecidas principalmente aos alunos de 1º e 2º graus, tendem mais para o conservadorismo e reprodução da ideologia da classe dominante.

É preciso lembrar que a educação do ser humano envolve sempre os fatores: formação e informação. Por isso, os conhecimentos transmitidos às novas gerações, devem ser trabalhados com os valores e costumes para que ocorra a sobrevivência e evolução da cultura. Os textos podem ser utilizados na realização de objetivos educacionais tanto para formar como para informar.

O que se pergunta, dentro de uma dimensão pedagógica é *"Como desenvolver o hábito da leitura em nossos alunos quando o professor, na sua formação profissional não aprendeu os procedimentos pedagógicos para este fim, sendo que ele próprio não possui o hábito da leitura?"*

A motivação para leitura envolve curiosidade e abertura a novos conhecimentos e informações. Os alunos lêem normalmente para as provas e estas leituras são sempre escolhidas pelo professor.

O segmento adolescente é o mais resistente à leitura. Preferem as informações mais passivas, obtidas pela TV. Este quadro é modificado quando os alunos encontram assuntos

específicos de seu interesse. Portanto, é necessário que se valorize a leitura em sala de aula, em todas as disciplinas.

Se o professor utiliza o livro didático ou textos para ensinar a sua disciplina, poderá analisá-los, comparando-os com os objetivos que pretende no ensino, verificando se o livro ou textos escolhidos são adequados aos propósitos de ensino. São inúmeros os aspectos que o professor deve levar em conta para analisar o livro a ser indicado ou os diferentes materiais impressos como revistas, recortes de jornais, textos elaborados, etc. Aguiar (1991), coloca como critérios a serem levados em conta pelo professor na seleção de textos, os seguintes: a finalidade da leitura, a qualidade do material, o assunto, a estrutura do texto, o estilo, a forma, os aspectos externos (capa, tipo de letra, espessura dos livros e ilustração) e interesse dos alunos.

Segundo Rangel (1990), ler é uma prática básica, essencial para aprender. Nada substitui a leitura, mesmo numa época de proliferação dos recursos audiovisuais e da informática. A leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, da perseverança, da dedicação em aprender. O hábito de ler é decorrente do exercício e nem sempre constitui-se em ato prazeroso, porém, sempre necessário. Por este motivo, deve-se recorrer a estímulos para introduzir o hábito da leitura em nossos alunos.

Para Rangel (1990), o cidadão professor, o educador profissional deve recorrer às técnicas e utilizá-las a partir de valores e não mecanicamente. Elas não devem constituírem-se em "um fim em si mesmas" (p. 14).

A PRESENÇA E O LUGAR DA LEITURA NA ESCOLA

A escola tem por responsabilidade proporcionar aos seus alunos condições para que estes tenham acesso ao conhecimento. Nesse ciclo de criação e recriação do conhecimento, próprio da vida escolar, a leitura ocupa, sem dúvida alguma, um lugar de grande destaque.

Se é relativamente fácil constatar a presença da leitura na escola, torna-se um pouco mais difícil discutir as condições concretas de produção de leitura. A relevância e a necessidade do ato de ler para professores e alunos são irrefutáveis, porém, é necessário analisar criticamente as condições existentes e as formas pelas quais esse ato é conduzido no contexto escolar. O discurso e o bom senso mostram que a leitura é importante no processo

de escolarização das pessoas, porém, os recursos reais para a prática da leitura na escola podem, entretanto, contrapor-se àquele discurso.

Assim, a dimensão quantitativa (mais ou menos leitura) e a dimensão qualitativa (boa leitura ou má leitura) do processo, dependem das condições escolares concretas para a sua produção.

O caráter livresco do ensino e as formas autoritárias através dos quais os livros são apresentados em sala de aula, tendem a contribuir com a docilização dos estudantes, gerando a falsa crença de que tudo que está escrito ou impresso é necessariamente verdadeiro.

Os processos de memorização dos conteúdos (textos, apostilas ou livros apostilados) impedem que o leitor se torne sujeito do trabalho que executa.

Freire (1985) chama isto de "educação bancária" - o professor passa para o aluno um conjunto de informações apenas para encher a cabeça do aluno, daí a passividade, o amortecimento da crítica e da criatividade, o consumo mecânico e não significativo das idéias propostas nos textos, etc.

A leitura de textos, tomada como fins em si mesmos, em função da mistificação daquilo que está escrito, gera uma outra consequência nefasta para a formação do leitor. Se um texto, quando trabalhado não proporcionar um salto de qualidade no leitor para a sua visão de mundo, tanto no aspecto social, quanto no cotidiano do leitor, a leitura perde sua validade.

Na leitura onde não existe compreensão de idéias, será uma mera reprodução de palavras ou trechos veiculados pelo autor do texto. Infelizmente, esse tipo de leitura é uma constante nas escolas brasileira de 1º. e 2º. graus e até mesmo no 3º. grau.

Muitas vezes, a estruturação de um trabalho escrito aparece repleto de outros autores, permanecendo no nível de mera edição ou colagem, conforme fulano, segundo sicrano, a voz do estudante não soa dentro do trabalho que ele próprio produziu. Tal problema não ocorre ao acaso e nem por culpa total dos estudantes, é uma decorrência da não integração curricular entre as diferentes disciplinas ofertadas pela escola.

Sem dúvida, a busca do conhecimento pode e deve ser mediada pela leitura de determinados textos, porém, o ato pedagógico vai exigir muito mais do que isto.

Entre as exigências básicas, coloca-se o estabelecimento de relações dialógicas para a aproximação das pessoas, para a organização do avanço cognitivo sobre determinadas questões e para as decisões a serem tomadas a respeito das necessidades de aprendizagem de grupo. Sem a prática dessas relações, sem que os textos selecionados sejam devidamente discutidos, sem que se organizem os conteúdos do conhecimento, prevalece a abordagem livresca no processo educativo.

Outro aspecto, refere-se à utilização de biblioteca e/ou acervos existentes na escola ou na comunidade. A grande maioria dos professores brasileiros ainda não descobriu que os acervos disponíveis, quando integrados nos trajetos de busca e produção de conhecimento, podem ser importantes e significativos.

A formação e manutenção de bibliotecas escolares ainda não se transformou em preocupação política na realidade educacional. Além disso, são poucos os professores que visitam as bibliotecas para conhecer os seus recursos e tentar um trabalho integrado com os bibliotecários. Essa prática seria um meio de colaborar com os alunos para a investigação de determinados assuntos.

O caráter propedêutico do ensino brasileiro conjugado ao fenômeno da transferência de responsabilidade (repassa da aprendizagem real dos alunos para a série seguinte ou grau) constituem o cerne daquelas expectativas, fazendo com que o professor de uma determinada série pressuponha a existência de habilidades pré-adquiridas pela turma em séries anteriores.

Muitas das reclamações dos professores, do aluno que chega às suas mãos sem pré requisitos, são frutos de radical apego ao programa pré estabelecido. O aluno tem que seguir em frente apesar das dificuldades encontradas.

Os alunos, numa situação de desespero, principalmente por sentirem-se incapazes de realizarem as tarefas propostas, desmotivam-se, aparecendo como resultados a repetência e evasão escolar. Surge também o "pacto da mentira": os alunos fingem que leram e compreenderam os textos e os professores fingem que acreditam. Daí a importância de eliminar os "letores" e formar os "leitores", tão necessários à sociedade brasileira.

Mostrar o valor da leitura aos educandos não é uma tarefa difícil, pois esse processo, bem estruturado, com supervisores e/ou bibliotecários, significa uma possibilidade de repensar o real pela compreensão mais profunda dos aspectos que o compõem.

No ensino, não basta teorizar ou discutir sobre o valor da leitura. É preciso construir e levar a prática que a leitura venha a ser cada vez mais sedimentada na vida do educando.

Ler é um ato libertador. Quanto maior vontade consciente de liberdade, maior terá que ser o índice de leitura.

O professor brasileiro, dado a sua condição de oprimido, também é carente de leitura. O número excessivo de aulas bloqueia os momentos para a leitura. Além disso, o salário não é suficiente para comprar livros e enriquecer o seu intelecto.

Não existem bibliotecas especializadas para atender os cursos de licenciatura, sendo que esses tocam por alto a pedagogia da leitura.

Um dos efeitos da leitura é o aprimoramento da linguagem, da expressão, tanto individual como coletivamente.

Uma sociedade que sabe se expressar, sabe dizer o que quer, é menos manobrável.

No plano familiar, verifica-se a influência de uma estrutura social onde impera o utilitarismo, o consumismo e a alienação. A troca social de informações é preenchida com o uso de televisão, vitrine de moda e conceitos de filmes.

A crise do livro e da leitura no Brasil é uma característica normal dentro da classe trabalhadora. Essa disfunção na área da leitura, em verdade cumpre uma função muito clara, a de bloquear a emancipação do povo.

A BIBLIOTECA COMO INSTRUMENTO FACILITADOR DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Sempre que ouvimos a palavra "hábito" pensamos em algo como rotina, automático, mecânico, inconsciente, tal como escovar os dentes ou pentear os cabelos. No entanto, a

palavra "hábito" tem sua origem na palavra latina "habitus" e é fundamentalmente contrário ao automatismo. É vivo, é criador, é dinâmico. O hábitus envolve um aprimoramento estável de um ser.

O trabalho educativo é uma ajuda para a aquisição de bons "hábitus" intelectuais (ciência e arte), morais (virtudes), corporais (saúde). Os "hábitus" que a educação proporciona são "qualidades permanentes e dinâmicas que enriquecem na linha do agir e do fazer; não são meros costumes ou automatismos que não brotam da seiva lúcida do nosso ser" (Prado, 1984, p. 111).

A formação de "hábitus" é educação; a formação de automatismo é adestramento. A educação para ser criadora tem que auxiliar o aluno na conquista do "hábitus", isto é, "qualidades interiores, qualidades suas, para uma ação mais lúcida, mais ágil e mais pessoal" (Prado, 1984, p. 112).

O "hábitus" é aprimoramento intencional, consciente e permanente, que além do comportamento, diz respeito à atitude. Quando falamos em hábito de leitura, principalmente no contexto pedagógico, estamos nos referindo exatamente ao aprimoramento consciente desta habilidade. Aprimoramento da capacidade de leitura do aluno, visando facilitar sua trajetória escolar.

Sendo o professor o maior patrimônio da escola, mola propulsora que orienta todo o processo de escolarização, consideramos que seja nele que se deva centrar todo e qualquer esforço no sentido de trabalhar a implantação e manutenção do hábito de leitura, como instrumental de autonomia no processo ensino-aprendizagem. De nada adiantaria tentar mudar as práticas escolares relacionadas com a leitura se o trabalho não começasse com o professor, considerado ele mesmo como um leitor a ser, quando necessário, aperfeiçoado.

E quando se fala neste aperfeiçoamento com relação a leitura, para o professor, não estamos falando em capacitá-lo apenas no que se refere ao conteúdo específico que leciona, mas sim dotá-lo da capacidade de leitura competente e crítica de todo e qualquer texto, em função do contexto onde se insere sua escola, seus alunos, seu mundo, sua realidade, pois "todo professor ao adotar um livro didático ou mesmo selecionar textos, transforma-se num co-responsável pelo ensino da leitura (Silva, 1993, p. 27). Nesse mesmo sentido, Freire (1985), quando afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica na continuidade da leitura daquele, responsabiliza o professor quanto a orientar seus

alunos a lerem criticamente, em primeiro lugar o mundo que os rodeia, para que adquiram a postura crítica diante dos textos que lhes propõem e conseqüentemente da sociedade da qual fazem parte, para transformá-la através da prática consciente.

Uma decorrência deste aperfeiçoamento seria um novo enfoque sob o qual o professor trataria o livro didático, alvo de tantas críticas mas de poucas tentativas de melhoria a partir de mudanças no comportamento dos alunos e professores. A qualidade do livro didático, em que pesem os esforços de diferentes órgãos oficiais e as sucessivas denúncias de pesquisadores e professores, continua deixando a desejar. Mas, o que é o livro didático? Alguns autores afirmam que "todo livro é ou pode ser didático". Richaudeau, citado por Oliveira et. al. (1984, p. 15), o define como um "material impresso, estruturado, destinado ou adequado a ser utilizado num processo de aprendizagem ou formação".

A relação do livro didático com o contexto pedagógico, com os alunos e principalmente com o professor, no que tange à importância da habilidade de leitura na formação do ser humano, dificilmente é abordada. Que o livro didático seja impregnado da ideologia dominante, não resta a menor dúvida, porém, como elemento social e histórico que é não deixa de estar em constante movimento, sendo fruto das transformações que ocorrem nas estruturas econômica e social. Ainda que reconhecendo a importância e a necessidade de bons livros didáticos, seria mais realístico e mais relevante a capacitação do leitor (aluno e professor) para o enfrentamento de qualquer texto.

Molina (1987) ao analisar esta questão faz a seguinte pergunta: Se o livro fosse muito bom, por acaso o professor poderia ser muito ruim? Com a resposta a esta questão justifica a concentração de esforços na capacitação do leitor. Um leitor mais competente seria capaz de compreender o conteúdo de um texto, buscando por si mesmo o auxílio necessário para solucionar possíveis dúvidas. A busca de informações pelo leitor independente, leva necessariamente à biblioteca, mas para isso ele precisa estar em permanente estado de curiosidade, que na realidade é a verdadeira mãe da sabedoria. Este "estado permanente de curiosidade", colocado por Eduardo Santa, diretor da Biblioteca Nacional da Colômbia e citado por Diaz Bordenave e Pereira (1978, p. 86), deve ser estimulado pelo professor. Referindo-se ao professor ideal, o referido diretor afirma que "o professor moderno, responsável de sua função, minucioso, inteligente, aquele que todos queremos ter em nossas Universidades, é o que cada dia está ensinando a seus alunos o caminho da Biblioteca".

O ditado popular "um exemplo vale mais que mil palavras" aplica-se integralmente aqui. Para ensinar o caminho da biblioteca a seus alunos, o professor deve freqüentá-la. A esse respeito, Mariano, citado por Müller et. al. (1988, p. 16), chama a atenção para o fato da contradição de quereremos "que os professores que não foram habituados a ler, e por isso mesmo não lêem, levem seus alunos a descobrir a leitura. Já que só se dá o que se tem, querer que o professor que não lê faça com que seu aluno leia, é algo como tirar leite de pedra".

Mas, o que significa freqüentar a biblioteca? Um amontoado de conhecimento que não significa muita coisa para o professor e principalmente para o aluno. A maioria dos alunos e muitos professores não sabem como utilizar uma biblioteca e esta é a causa preponderante da fuga que se empreende das mesmas, sejam elas escolares, públicas ou universitárias. Alguns alunos terminam seus cursos superiores sem terem entrado uma vez sequer na Biblioteca universitária de sua escola.

As escolas de 1º grau, que atendem alunos em idade de desenvolvimento do "hábitus" de leitura, geralmente não tem biblioteca, na maioria das vezes "a biblioteca" funciona no armário da professora ou da diretora. Quando tem biblioteca, a "bibliotecária", salvo raras e honrosas exceções, é uma professora em vias de aposentadoria, geralmente com alguma doença ou problema físico que a impede de dar aula e por isso ela é discriminada pelos colegas e pelo Estado que lhe paga menos do que aos seus colegas que "estão na ativa". Afinal, segundo o ex secretário de Educação do Estado de São Paulo, Luis Ferreira Martins, "biblioteca é luxo" (Silva, 1982).

Sandroni e Machado (1986) exortam que as crianças deveriam freqüentar a biblioteca desde cedo, iniciando um contato agradável com os livros ilustrados, mesmo antes da matrícula escolar. Poderiam se comportar na biblioteca como quisessem, ficar sentadas ou deitadas, isto é, na posição que preferissem: importaria apenas o hábito que começa, o manuseio do livro que se inicia.

Mas a realidade de nossas bibliotecas, principalmente as escolares, que é onde o professor começa sua caminhada rumo ao magistério, é bem diferente disso. Geralmente fechada por falta de pessoal, muitas vezes utilizada como espaço para o professor livrar-se de alunos que importunam suas aulas, ou mesmo como punição a certos alunos "indisciplinados", ela não participa da prática pedagógica.

A reflexão a respeito disto fica a nível de que como instrumento facilitador do desencadeamento do hábito de leitura, a biblioteca brasileira, de modo geral, carece de estruturação para assumir tal responsabilidade.

CONCLUSÃO

Podemos considerar três motivos básicos para a valorização da leitura : 1º.) Informação; 2º.) conhecimento; e 3º.) prazer , que estão associados ao fato de que o texto a ser lido e criticamente analisado por um leitor é sempre um trampolim para uma compreensão mais profunda e objetiva do contexto humano. Considerando que qualquer linguagem sempre possui um referencial de mundo/realidade, ser leitor é ser capaz de apreender os referenciais inscritos em qualquer mensagem e também os existentes num texto, o que significa compreender a dinâmica do real e compreender-se como um ser que participa desta dinâmica.

A Reforma do Ensino, consubstanciada na Lei 5692/71, cuja direção aponta para o tecnicismo, preocupada com os métodos e recursos, portanto, mais adestramento do que educação, visou fornecer, através do ensino unificado de 1º. e 2º. graus, a formação necessária para o desenvolvimento das potencialidades do educando, extinguindo a escola verbalista e centrada no professor. Preconizou uma educação onde o aluno é o principal agente, sob orientação do professor. No entanto, para que os ideais da Reforma sejam alcançados, é preciso que a escola seja estruturada de modo que a aprendizagem dependa em grande parte da leitura de textos.

A consecução desses ideais parece exigir uma reflexão mais profunda sobre a aprendizagem da leitura, posto que o ensino da leitura é um processo contínuo e que o professor, independentemente da disciplina, responde em grande parte, pelo êxito ou fracasso desse processo.

Um exemplo de valorização da leitura é apresentada pelo Projeto *Farol do Saber*, nome inspirado na célebre Biblioteca de Alexandria, que constituiu-se, na Idade Antiga, em importante centro cultural e econômico, aproximando povos e iluminando a Antigüidade com a luz do conhecimento. O referido projeto, elaborado e executado pela Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, prevê a implantação de mini bibliotecas de bairros, diferente porém de uma biblioteca comum. É um ponto de referência disseminador da

cultura e do saber, onde as atividades propostas são desenvolvidas de maneira a despertar o interesse e a participação voluntária de seus frequentadores.

Os *Faróis do Saber* surgem como antídoto ao conhecimento "acabado", "pronto" e "certo", ao discurso de "certezas" do mestre, para se tornarem um espaço gerador do espírito crítico e de questionamento, propiciando o acesso ao livro, à recriação do conhecimento.

Os objetivos dos *Faróis do Saber* são:

- oportunizar o acesso aos bens culturais, resgatando o fenômeno literário e o prazer do texto;
- criar condições que favoreçam a prática da leitura, pesquisa, informação e reflexão, instrumentos para a formação e o exercício da cidadania.
- suprir as bibliotecas de livros, periódicos e bens culturais, tendo em vista o interesse e as expectativas do usuário.

Claro está que, para que a situação de carência de bibliotecas e desvalorização da leitura mude, é preciso muito mais que isso. O projeto *Farol do Saber* abrange só Curitiba, a capital. Quando teremos *Faróis do Saber* espalhados pelo Paraná todo? Pelo Brasil todo? Enfim, quando haverá uma política educacional orientada para a capacitação crítica dos indivíduos?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de. Leituras para o 1º grau: critérios de seleção e sugestões. In: ZILBERMAN, Marisa (org.). *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre : Mercado Aberto, p. 85-106, 1991. (Série Novas Perspectivas)

DIAZ BORDENAVE, Juan, PEREIRA, Adair Martins. *Estratégias de ensino-aprendizagem*. 2. ed. Petrópolis : Vozes, 1978.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 10. ed. São Paulo : Autores Associados : Cortez, 1985.

MOLINA, Olga. *Ler e aprender: uma proposta de ação pedagógica*. . São Paulo : USP, 1987. (Tese de Livre-docência)

_____. *Quem engana quem: professor x livro didático*. Campinas : Papyrus, 1987.

MÜLLER, Mary Stela, et. al. *Professores de 1o. e 2o. graus como agente de integração entre a informação e as atividades de ensino: um diagnóstico das escolas públicas de Londrina*. Relatório de pesquisa. Londrina : UEL, 1988.

OLIVEIRA, João Batista Araújo e, GUIMARÃES, Sonia Dantas Pinto, BOMÉNY, Helena Maria Bousquet. *A política do livro didático*. São Paulo : Summus; Campinas : Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1984.

PRADO, Lourenço de Almeida. *Educação para a democracia*. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 1984.

RANGEL, Mary. *Dinâmica de leitura para a sala de aula*. 4. ed. Rio de Janeiro : Vozes, 1990.

SANDRONI, Laura C., MACHADO, Luiz Raul (org.). *A criança e o livro*. São Paulo : Ática, 1986.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1981.

_____. Biblioteca escolar da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, Regina (org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do Professor*. 2. ed. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1982.

_____. *Elementos de pedagogia da leitura*. 2. ed. São Paulo : Martins Fontes, 1993.

SILVA, Lilian Lopes Martin da. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Porto Alegre : Mercado Aberto, 1986.